



ARTIGOS

## POÉTICA SONHOGRÁFICA E O INQUIETANTE NOMADISMO DA LÍNGUA DE AULA

**Marina dos Reis**

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil*  
mdr@ufrgs.br

**Sandra Mara Corazza (in memoriam)**

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil*  
sandracorazza@terra.com.br

DOI: <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v5i1.35466>

Recebido em: 07/12/2020

Aceito em: 21/05/2021

Publicado em novembro de 2021

**RESUMO:** este artigo ensaia fragmentos para tecer sonhos didáticos a partir de a-traduzir (intraduzíveis) do Arquivo da educação. Sua escrita poeticamente labora Aulas. Usa aportes da Filosofia da Diferença com o objetivo de provocar o pensar inquietante em Sonhografias. Discute o trabalho da transcrição do professor-poeta em suas possibilidades languageiras nômade na docência-pesquisa. Conclui que cada sonho de Aula é uma ideia a-traduzir.

**Palavras-chave:** *Aula, Sonho, Poética, Tradução, Docência.*

## DREAMPOETICS AND THE UNSETTLING NOMADISM FROM THE LANGUAGE OF CLASS

**ABSTRACT:** This essay-written article uses fragments to weave didactic dreams from the Education Archive's a-traduzir (untranslatable) parts. It labors poetically classes. It uses contributions from the Philosophy of Difference in order to provoke a disquieting thinking by Sonhografias (Dreamographies). Discusses the work of the teacher-poet transcreation in its possibilities of nomadic language at the teaching and research. Conclude that every dream-classes is an idea a-traduzir.

**Keywords:** *Class, Dream, Poetics, Translation, Teaching.*



## Introdução

Já nos deixaram dito, os poetas Octavio Paz e Valéry, que escrever, ler, ouvir e falar é traduzir. Ainda, sem perdermos de vista os apontamentos de Benjamin, temos que a língua da tradução é sempre incompleta, ela é uma variação na e da própria língua que traduz e refaz-se. O tradutor distancia-se do original (texto de partida), mas dá, a essa criação, novas vozes, perspectivadas diante da linguagem do texto de chegada, deixando seus rastros em a-traduzir (partes intraduzíveis).

Os poetas trazem-nos das línguas oníricas os signos intraduzíveis, os quais nos afetam, nos tiram o sono. Na docência inquietante ora proposta, diante do currículo familiar, sonhografamos, do Arquivo da Educação, esses currículos por repetidas vezes, até que uma diferença da palavra didática nos faça adentrar na carne da Matéria, tocar o limiar da linguagem, que nos force a versejar numa língua de Aula. Sonho e poesia como operações de uma docência tradutória são, portanto, o nosso objetivo. Em nosso estudo, convocamos o fazer docente tradutório, pois a tarefa tradutória é inerente à feitura de uma Aula.

O trabalho da escritura tradutória assemelha-se ao labor onírico. Para tal maquinação psíquica, o rigor intelectual (VALÉRY, 2018) é aplicado sobre os precipitados do espírito (intelecto) e do corpo (em seus afectos) a fim de traduzi-los da imaginação e de suas imagens-resto em palavras da elaboração secundária (FREUD, 1996). Mas a linguagem ainda precisa amadurecer para a noosfera do imaginário — a tempestade mental que ronda o tema de um pensamento trava, torce, esgarça a língua, tornando-a não o veículo de palavras, mas a dançarina sob uma constelação de a-traduzir. No noochoque entre a decisão vígil do corpo sobre as imagens ainda desacertadas surge um espaço: o ponto zero, o umbigo do sonho.

A escrita sonhográfica aqui proposta dá a perceber os meandros desse estranhamento tradutório, como acariciar um sonho: diante das figuras familiares à primeira vista, penetra-se na zona inquietante, quando da tentativa de traduzi-las. Esse algo subtraído a olhos estranhos (o inconsciente), essas aparições a-traduzir (intraduzíveis) interessam-nos pela perspectiva da Filosofia da Diferença, pois tipificam o pensamento via susto, via angústia. Convoca o intelecto a uma



investigação para criar procedimentos de acesso<sup>10</sup> ao núcleo familiar da Matéria (do Arquivo, dos sonhos, da vida docente) que contém o estranho em a-traduzir.

O sonho, em sua elaboração secundária, é um tipo de procedimento. Via Filosofia da Diferença, é tomado em ficção e, como tal: “cria novas possibilidades de sensação inquietante que não se acham na vida” (FREUD, 2010, p. 374). Maquinamos o pensamento disposto a subtrair as velhas máquinas de julgar, de reconhecer e de representar.

O inquietante de a-traduzir é uma transcrição daquele *Das Unheimliche*, discutido por Freud em seu texto de 1919. A sonhografia pensa a tradução pela estética marginal de indícios dos signos do original em estranhamento advindo do corpo-olho e dos sonhos do tradutor. Há uma tensão com a linguagem, por exemplo, a cada forma sonora — ou na relação tipográfica e dispositiva das palavras e dos espaços entre elas. Os atos falhos de uma tradução são a fixação da tempestividade linguageira inconsciente. Afirma-se, na transcrição a qual se afeta pelos signos do Arquivo, o potencial dessas “qualidades do nosso sentir” (FREUD, 2010, p. 331) como pontos de fuga à uma cópia<sup>11</sup>: na docência que sonha raspando os clichês curriculares, “algo tem de ser acrescentado ao novo e não familiar, a fim de torná-lo inquietante” (FREUD, 2010, p. 332).

Nas palavras da psicanalista e escritora Alejandra Ruíz (2016), Freud desenvolve o termo:

*Heim*, o familiar, acolhedor, íntimo, esse lar onde justamente nos sentimos protegidos e a salvo da angústia, é isso mesmo que com a adição da partícula de negação *un*, constitui-se como o *Unheimliche*, essa terra alheia que suscita angústia mais inquietude, estranheza, horror, espanto. O mais estrangeiro a si mesmo que retorna como duplo. Então, o *Unheimliche* é angustiante, mas nem tudo o que é angustiante é *unheimliche*. (RUÍZ, 2016, n.p.)

---

<sup>10</sup> Nicolay (2019), acerca da crítica nietzscheana sobre a ideia moderna de método científico (caminho, direção ou um fim) remete à expressão “procedimento”, pois “é mais elástica na interpretação e, na maioria das vezes, não se prende na investigação da suposta verdade. O procedimento é uma atitude diante das condições de pesquisa e, por que não afirmar, diante das forças que se oferecem para interpretação”. (NICOLAY, 2019, p. 1011)

<sup>11</sup> Transcriar (CORAZZA, 2013) é traduzir um texto de partida (original) a um texto de chegada (tradução), porém, não é cópia fiel, translingual. Cria o sentido de uma língua na sua elaboração. O plano resultante dessa perspectivação do poeta que se empenha em sonhar a partir das partes a-traduzir desse original será, em nosso caso, uma sonhografia. O Plano sonhográfico no texto de chegada povoa-se pelas desterritorializações promovidas pelo trabalho de sonho artistado sobre o original.



Pensar a docência em sonhografias de Aula dobra e desdobra o Arquivo em umbigos de sonho, ou seja, rearranja o obscuro (que é a-traduzir) em vozes que sopram algo aos ouvidos sensíveis do professor-poeta. Incansável, a insone tradução pensa a ausência e a presença da Poesia (CORAZZA, 2019) nas bocas da Aula. A sonhografia opera o trabalho de sonho em seus ilogismos, condensações, deslocamentos, supressões, inversões e deixa novos a-traduzir como restos-herança da pervivência transcriativa.

A construção de um sonho vem-nos perguntar algo e, de modo ficcional, um sonho narrado ou escrito amplia dúvidas acerca do presente, dessa rede da agoridade fugidia e invivível, que entendemos por realidade. Também esse dinamismo de a-traduzir, materializado nas imagens oníricas rememoradas, anuncia-nos também funções sociais, tais como: a) uma versão do tipo negativo fotográfico da realidade atual, a qual somente pode ser interpretada pela complementariedade do sonho; b) uma modelização de realidade pela subjetividade ativa sobre um futuro que no sonho parece insensato, mas que no porvir verifica-se inteligível e mesmo aplicável. Ou seja, nos processos de sonhos (sonhar, lembrar, estranhar, narrar), estamos em uma prática de subjetivação, num exercício afirmativo de expansão de si e de mundo. Utilizando-se de elementos em sua maioria mnemônicos, o sonho nos apresenta o inquietante, há sempre algo obscuro, difícil de dizer — o elemento transcriado no corpo noturno (sonho) é potência poética em a-traduzir diurno (elaboração secundária). Tal maquinação psíquica aciona-se na Aula, um tipo de trabalho de sonho (FREUD, 2005; 1996, 1966): pedaços onirofílicos vêm à tona e são inesperadamente aspergidos da narrativa em docência. Remontamos a língua, tipo de lalíngua docente que temos e inver(temos), a partir de nossos restos da Aula, de nossas esrileituras daquilo que os nossos afetos e inconsistentes a-traduzir balbuciam em nomadismo. Sonhografar passa a ser um gesto de Aular.

Benjamin (2001, p. 51), acerca da tradução, fala-nos da necessidade da linguagem para que ocorra a comunicação “de seu conteúdo original” e emancipa a ideia como “uma existência que não tivesse nenhuma relação com a linguagem”. Admitindo o trabalho de sonho freudiano (1996) para sonhografar o Arquivo, temos que: o texto de partida é nosso conteúdo manifesto e desafia-nos a dar-lhe uma



tradução a partir da linguagem (via a elaboração secundária de seu conteúdo latente). Mas à linguagem onírica, que é imagética, ainda nos faltam suportes para uma tradução via as palavras gastas da linguagem, porque o sonho é a-traduzir do desejo.

Traduzir o Arquivo é também trabalho de desejo, já que o professor é um tradutor repleto de “vontade de potência de educar” (CORAZZA, 2016, p. 3). Cada sonho de Aula é uma ideia didática, portanto. Os procedimentos de acesso aos processos de pensamento (ou pré-pensamento) percorrem o texto de partida admitindo-se que este já é uma interpretação. A sonhografia resultante será uma ficção criada no domínio íntimo, que deseja, por sua vez, também ser traduzida, em Aulas, ou seja, é operacionaliza uma “didaticartista” [...] “um movimento à exterioridade de seu plano de criação” (CORAZZA, 2014, p. 47).

### **Didáticas languageiras**

Outro elemento para pensarmos poeticamente o sonho no Arquivo da docência, em sua Matéria, é que estamos na dimensão do poeta pré-socrático. Esse sonhografista é nômade, é afetado pelo mundo que lhe causa espantos, vaga observando com surpresa os a-traduzir, olha o céu do Arquivo também em sua enigmática escuridão: o brilho resplandecente desse céu são de algas ou são estrelas? A escuridão afirma o presente. Esse poeta ainda não fora advertido sobre a estruturação racional em relação à sua natureza humana<sup>12</sup>, a qual necessitaria adestrar-se na tarefa de empilhar memórias. O sonhografista de Aula permanece nesse estado de nomadismo, de criador de uma literatura, de uns ritmos, de alguns caldos, de i-magens e de produtos de imaginação. Estupefato diante da Matéria quando tem de transcri-la, torna-se sonhador acordado (FREUD, 2010). Busca em sua tradução o desabrochar do trabalho didático “inseparável da vida e da docência-pesquisa” (CORAZZA, 2018, p. 94)

O pensamento poético sonha que “ao educar, cada um de nós produz didáticas” (CORAZZA, 2014, p. 48). Na didática que sonha a Aula, o crivo sobre o caos inquietante e indefinido recolhe a-traduzir da Matéria onírica sob a língua vígil. O

---

<sup>12</sup> Informação verbal de Jonathan Molinari, proferida no III Simpósio Internacional de Estética e Filosofia da Música: Linguagens e Sensibilidades, UFRGS, 23 a 25 de setembro: Música e magia em Marsilio Ficino, Porto Alegre, 2019.



insone poeta percorre a rigidez de uma sala de aula, vê ali as identidades, considera as grades curriculares, os relógios de parede, os tribunais permanentes. Antes que os gregos inventassem essas estruturas pragmáticas ainda brotavam flores miúdas e inominadas entre as sombras rochosas. Esses elementos herdados de Cronida, o agrega-nuvens, podem ser deformados, condensados, sutilmente deslocados de suas ideias-prontas, descoladas das imagens dogmáticas. Move-se, o poeta que ensina, sobre as paisagens de currículos, dá litoral à carne didática. As sonhografias, transcrições latentes, criam mapas mentais versáteis à colheita de poesia didática. Desejos são dramatizados e suspensos na Aula, e nessa elaboração secundária haverá a atualização do sonho docente: “a pedagogia funciona ao atualizar-se em currículo” (CORAZZA, 2014, p. 48).

Há no sonho e na tradução em Aula um elemento, mínimo, de estranhamento. Na evocação vígil, atentar a este detalhe poderá desencadear uma imaginação ativa que o corpo todo sente. Atentar às associações e pedaços imagéticos avessos e arredios às imagens dogmáticas — esses traços *nonsense* são muitas vezes denegados pelo pensamento racional e positivo que calcula somente aquilo que julga “fazer sentido”. As imagens dogmáticas são tipos de *prêt-à-porter* cerebrais, cartões-postais sensuais, clichês de cenas como as do sonho americano. Essas imagens abastadas de ilusões vestem e revestem o pensamento impedindo-o de movimentar-se rumo à outras formas do impossível daquilo que está a pensar, elas impedem o foco no vazio, onde se pode respirar para trocar memórias por vivências. A imagem dogmática cola-se sobre e colore o pensamento, antes que ele possa reagir e dobrar-se em variações do estranho, em fazer-se naquilo que fura o real.

O desejo nômade sonhografa o Fora, não busca desvendar nada sob uma razão ocultada harmonicamente pela natureza. Sonhografa com o corpo em seus fluxos de desejo tradutório, via “sabedoria poética” (SANTOS, 2007, p. 154). Ou seja, trata-se de aspirar a magia da escrita em sua potência, sem interpretação apriorística. Disso temos rituais do gesto de Aula, os quais incluem versões de “sonheria na docência” (CORAZZA, 2019). Isso não significa, porém, não tratar o original, a Matéria do Arquivo, com seriedade. Pelo contrário, o trabalho do poeta é tão sério quanto o brincar infantil (FREUD, 2010; REIS, 2019) e é nesta vertente que a transcrição de uma língua didática *varia*, ao emprestar a sua sabedoria poética



para traçar a Aularia de sonhos e poesia. Descontente com as palavras de sempre, o professor-poeta as transgride: “Assim como tom e significado das grandes obras poéticas se transformam completamente ao longo dos séculos, assim também a língua materna do tradutor se transforma” (BENJAMIN, 2011, p. 108). Poetamos sonhos porque a literalidade de uma tradução destrói a tonalidade afetiva das palavras, já que permanecemos inquietos diante de uma tradução familiar:

De um ponto de vista psicanalítico, a língua materna não é a língua que falamos. Ela diz respeito ao que é falado pelo inconsciente, através de cada um. Por que a chamamos de materna? Não seria por que ela se refere a essa fonte pulsional, carnal da *lalangue*<sup>13</sup> [expressão lacaniana], relacionada ao balbucio infantil? (STITOU, 2016, p. 370)

Afetar-se. Quem se lembra do primeiro sonho? A criança vai construindo a divisão mental, essa distinção entre o que é sonho, brincadeira, ou o que é sério, dói, machuca, queima. A cultura vai separando essa distinção em vida real e vida de brincar, em vida prática e diurna e em vida noturna de descanso. Aprendemos que não existe um lobo atrás das árvores. Os sonhos infantis tornam-se complexos ao acompanhar o desenvolver da linguagem. Dos sonhos infantis, o adulto faz, segundo Freud (2010), as suas fantasias, na maioria guardadas em seus sentimentos íntimos, muitas delas vividas em sonhos. De tão íntimo, o sonho pode ser incomunicável. Eis um mistério. Mas o sonho carrega algo do mundo misturado a algo de nós.

### **Elaborar o sonho tintado**

A escrita é um ato de resistência, contém um estilo, possui a força inconsciente que Freud (1996) apontara em sua obra. Quando poética, a escrita está elaborando(-se em) sonheria. O a-traduzir dessa escritura aciona-se do resultante de forças que se riscam, são as vozes inconscientes, podemos vestir uma cartola de vidro sobre o inquietante e este passa a ser menos estranho. É como a angústia que só transita do nó do corpo quando do pesadelo a boca narra um sonho. A poesia

---

<sup>13</sup> Acerca da poética fugidia donde escapam a-traduzir nos processos languageiros, interessa-nos pontuar que na tradução estamos lidando, assim como nos sonhos, com o que ainda não sabemos: a lalíngua [*lalangue*] fora inventada por Lacan “para remeter ao papel fundamental da letra na estruturação do inconsciente. Apontando para um nó entre o sujeito do desejo e a língua, lalíngua desponta nas formações do inconsciente e [...] no discurso poético: enquanto a língua procura inutilmente apreender [a língua], *lalangue* escapa entre os dedos” (CARVALHO; LAZZARINI, 2019, p. 221-222).



estranha a linguagem, é o informe mais próximo à ideia de um sonho: uma palavra poetada empilha incontáveis perspectivas e interpretações.

Não apenas lemos um poema, mas também ouvimos os espaços entre suas palavras. Como um sonho, a poesia parece balbuciar-nos aberturas e respiros à imaginação: a palavra do poeta são partes em branco de língua contendo montanhas. O poeta provoca-nos a um movimento nômade, desterritorializa-nos num deserto sem reis, deuses ou enciclopédias. A emoção poética emerge da inquietação que está latente no original. Destrói o familiar dogmático textual e moral para refrescar-se em a-traduzir. Cavalga em vassouras invertidas, cria passagens de texto em alta velocidade. Verga a comodidade da língua mãe pela extravagância do pensamento que não se deixa decantar em manchetes. Assusta-se, o poeta, e sonhografa agarrando o caos pelas suas caudas depenadas:

Resta em todas as línguas e suas traduções, afora o elemento comunicável, um elemento não-comunicável, um elemento que — dependendo do contexto em que se encontra — é simbolizante ou simbolizado. Simbolizante apenas nas composições finitas da língua; simbolizado, porém, no próprio devir das línguas” (BENJAMIN, 2011, p. 116)

Esse estranhamento deseja aquilo que traduz para remoçar as rugas do Arquivo. Cara-a-cara com o original, há o desconhecido da própria linguagem, causado pela suspensão não espectral do idioma. A afirmação desse procedimento tradutório é a de um “ser seletivo [que] resulta de uma doutrina ética que afirma e dá valor de ser apenas ao devir ativo” (DE ABREU, 2011, p. 36). Nesse processo da Diferença, a terra do Arquivo é demarcada com um risco na areia: há uma literatura em trabalho de rigor intelectual, mas tudo é borrado pela impermanência:

[...] a obediência que devemos prestar é à vida — alerta-nos Nietzsche — por meio de uma força sensível e ética de nosso espírito, de uma existência complexa em que nosso desejo se encaixa nos acontecimentos, e assim se vê a vida como processo, como literatura, como prática de escrita, ou seja, como força do pensamento que escapa das leis preestabelecidas. (CAMPOS, 2018, p. 105)

Se galopando na poesia didática esbarramos nos silogismos imediatos dos conteúdos de aula, quando descemos até a docência-pesquisa em sonho, a Aula reveza-se com o Arquivo, brechando uma compreensão passiva. Imageia novos a-traduzir por conta de deslocamentos que confundem a linguagem a dizer o não-dito.





Esses procedimentos sonhoreiros engendram tipologias sobre as quais o professor-poeta poderá ensaiar um estilo irrepitível. Produz-se na docência algo qualificativo, e não “mais uma aula”, como dado quantificável. O desfecho não se encerra, é interrompido pelo corpo que acorda, deixa mitemas pelo caminho. Essa tradução pensa o sonho curricular e canta o pensamento didático em poesia. Diante de a-traduzir, faz uma síntese futura da docência, poiesis que sintetiza o “acervo da cultura humana” (SANTOS, 2007, p. 155).

Em semelhança à magia do sonho, o trabalho de tradução é um enigma que nos invade o intelecto ativamente. A mágica não está naquilo que é encontrado, mas em como fazer a tradução percorrer aquilo que se tem. Como fazer restauro onírico? Com quem tecer novos fiapos à uma sonhosofia? Quando acrescentar novas provocações de mundo, de vida, de valores? Como inventar Aulas ao contá-las?

Tal estranhamento operacionalizado no Arquivo da docência, atualiza-o como inventário transalucinatório de sonhos alheios, de vozes caladas, de apagamentos, de inversões, ou seja, é Matéria condensada pelo trabalho de sonho e de facilitações de quem produz o arquivo<sup>14</sup>. Corazza (2017, p. 49) nos traz a didática como território, “transdisciplinar, transartístico, transpensamental, que nasce e vive em diversas obras de diferentes lugares”. O deslocamento de a-traduzir é nomádico. Sem uma origem, aproxima-nos do caráter onírico que esse território possa assumir, na tradução. A didática não é uma inscrição original, regra a ser decorada, lei, norma, mas trata-se de, segundo Corazza (2014, p. 48): “um modo, um processo de atualização de uma ideia de natureza pedagógica, que se expressa em currículo.”

### **No sonho todo o começo é pequeno**

Evocamos outras inquietações do texto de Santos (2007, p. 155), poeta, professor e filósofo, a partir dos pressupostos que interpõem a origem da filosofia no “espanto diante da própria ignorância”<sup>15</sup>. Para nossas perspetivações da Diferença, destruímos o platonismo: espantamo-nos não diante de um saber ocultado, de uma verdade ainda desconhecida, de uma angústia de castração. Somos espantados pela multiplicidade da Matéria, pela beleza do som que um idioma ou

---

<sup>14</sup> Como Telles (2002) nos ensina ao tratar o “mal de arquivo” de Derrida sobre Freud.

<sup>15</sup> Segundo o mesmo autor, Hanna Arendt traduz esse maravilhamento de Aristóteles: *aporein*.



uma voz nos afeta, pelo silêncio descentrado, pela língua muda que nos sonha. Permanecemos espantados diante das versões unilaterais que nos contam da história.

Estranhamos e vibramos inquietações como a criança que brinca emprestando ao mundo seus sons pelas letras que une: cria nomes que dramatizam composições inimagináveis pela linguagem. Esse tipo transcriador performatiza seu susto literário nas experimentações que não exilam aquilo que ignora do original. “Tais procedimentos exercem sobre esse poeta do Arquivo a antropofagia e a ruminação nietzschiana (REIS, 2019)”. Ainda, para inventar pretexto, texto, Aula, o docente deixa-se esvaziar mesmo com tantas ideias-feitas em educação<sup>16</sup>. É insone por não esgotar a graça de seguir ignorante aos aspectos possíveis das interpretações prévias.

Uma ignorância pousa aberta às manifestações das inteligências múltiplas que sonharão Aula. A estética artística da sonhografia aqui considerada é a da acepção de Rancière (2009), que não a convoca como “ciência ou disciplina que se ocupa da arte”, mas sim como “um modo de pensamento que se desenvolve sobre as coisas da arte e que procura dizer em que elas consistem enquanto coisas do pensamento” (RANCIÈRE, 2009, p 1-12). O procedimento tradutório sonhográfico, que é literário, ou seja, ficcional e em parte autobiográfico, define-se em modo de pensamento, como um fazer artístico.

### **Docência sonhográfica**

Diante do caos que tentamos ordenar, na vida do Arquivo, mesmo em sua aparente organização, entendemos que traduzir essa intempestiva enxurrada de vozes é uma tarefa de arqueologia de anacronismos de um pensamento nômade e acéfalo. Poetizado pelo poeta-professor dessa forma, esse manancial é colhido em referências circulares e não-lineares e deixa-se sonhar pelas culturas que afloram dele. A transcrição ativa admite a manifestação de um pensamento mítico e alquímico. Há um processo de introspecção e de subjetivação no corpo que reconhece as variações extralinguais do original e as diversifica como maneira de

---

<sup>16</sup> Vale a pena citar o verbete Susto: “poxa, pensei que o professor ia me chamar para o quadro!”. Para um aprofundamento divertido em comédia intelectual dessas ideias feitas do jardim da educação, queira ver, se apetecer, em 2011, 175 p.



entender algo sem empregar a linguagem científica ou racional. Atenção é dada também à velocidade incrível da criação de mitos na contemporaneidade. O poeta-professor sabe da sua responsabilidade diante dessa herança, e de quão importante é o trabalho da poção auleira, já que, para uma filosofia do espanto, com Deleuze; Guattari (1997), repetimos: não estamos a refletir, nem a imitar, nem a representar, muito menos a julgar.

A docência sonhografa em lalíngua que tangencia as imagens de sonho, muitas vezes silenciosamente, que mostra e não demonstra, que se faz enigmática e curiosa. Idioma que, se representa algo, é para fazer trocadilhos. Distingue-se a descoberta — que é o que desvela e o que há de virtual ou atualmente, da invenção pois, nas palavras de Deleuze; Guattari (1992), “dá o ser ao que não era, podendo nunca ter vindo”.

Aos narizes torcidos que entendem que sonhos, literatura e poesia são vãs distrações e fumaças esmaecidas, apresentamos um tipo: o tecnocrata. O tecnocrata é do tipo desinteressado pela expansão da linguagem, não é assustado, mas medroso diante daquilo que não (re)conhece. Gosta de asseverar símbolos fixos para que possa assegurar-se de que recebe da mensagem o seu significado e a sua verdade. Prefere a homogeneidade de pensamentos e curte a segurança da presença e da metafísica. Evita outras formas de interpretação, tradução e reelaboração daquilo que é clássico e tradicional. Precisa ter sob os olhos o familiar. Este tipo talvez não sonhografe, pois o desejo que sonhografa a língua não quer doutrinar um “receptor”, mas suspender o tipo “expectador passivo” em inquietações languageiras:

A ilusão de uma língua perfeita, imodificável, que consegue acessar o absoluto do sentido, não é aquilo que todas as formas de totalitarismo preconizam ao rejeitar qualquer tipo de mestiçagem, qualquer polissemia. Essa tentativa de engessar a língua, de deixar de considerá-la como não-toda, nasce do desejo de liberar as palavras de sua parte intraduzível, forçando-as a afirmar apenas a verdade da verdade. (STITOU, 2016, p. 373)

Segundo o filósofo Jonathan Molinari<sup>17</sup>, um tipo perigoso de idólatra está por trás da interpretação que justifica a inutilidade de determinados saberes, como a

---

<sup>17</sup> Informação verbal de Jonathan Molinari, proferida no III Simpósio Internacional de Estética e Filosofia da Música: Linguagens e Sensibilidades, UFRGS, 23 a 25 de setembro: Música e magia em Marsilio Ficino, Porto Alegre, 2019.



poesia e a música: “Um martelo vale mais do que uma sinfonia” (ORDINE, 2016<sup>18</sup>). Nessa perspectiva, a compreensão fica limitada à eficácia de um utensílio. Segundo o estudioso, tal alegação pauta-se na crença de que tais saberes nada oferecem, pois não produzem verdades científicas, e referem-se aos saberes que julgam inúteis como meros passatempos. Na armadilha dessa lógica que não nos provoca o diversificar topologias diante do Arquivo, muitas vezes um caráter representacional e meramente ilustrativo poderá ser veiculado em aulas. Para compreender a importância na formação humana desses saberes então classificados inúteis, precisamos perspectivar a partir dessa visão de mundo na qual o conhecimento humano não está subordinado ao desenvolvimento de um mercado de trabalho, e sim voltado as subjetividades emergentes, ao nomadismo do corpo que se desloca e pensa à maneira de um poeta-mago.

Essa estética e ética de língua sustenta-se nas aspirações auleiras incitadas pelo exercício rigoroso de pensamento que quer produzir poesia; pela incansável exploração e estiramento da linguagem que reborda o original; exaustivamente os recursos da linguagem são transconstruídos: “Na linguagem, que é o estoque de formas, o tradutor faz um agenciamento da língua na qual está traduzindo” (CORAZZA, 2014, p. 57).

Na liberdade responsável da tradução poética, a qual se coloca antes das divisões aristotélicas dos discursos (SANTOS, 2007, p. 158), temos que traduzir é fazer literatura. O trabalho que não para de se inscrever no professor-poeta é essa repetição da sua versão de coisas: a docência é um tipo de conversação cosmogônica. E a cada vez, no respiro dessa subjetividade que traduz sua vida na docência e sua docência na pesquisa, escapa uma diferença. A Aula que se sonha pensa a busca de um expoente ao pensamento, da ordem do discurso filosófico, uma narrativa “inserida na ordem do literário e do poético” (SANTOS, 2007, p. 159).

Nômade, essa Aula não se demora em conceitos, estende-se inquietamente sobre os mitos tratados pelas ideias<sup>19</sup>. Na esteira da problematização da função

---

<sup>18</sup> Referência completa: ORDINE, Muccio. **A utilidade do inútil**: um manifesto. Trad. Luiz Carlos Bombassaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. 223 p.

<sup>19</sup> Em oposição à lei das permutas de imagens (dos mitos arcaicos e cósmicos), a dos mitos sociais são feitas de ideias. Assim a relação entre sonhos e mitos sociais é da ordem de efeitos de reforços ou de preocupação que dinamizam uma existência entre o indivíduo e a sociedade (BASTIDE, 2006, p. 144-145).



social dos sonhos, por exemplo, o sociólogo Bastide (2006) entende que os sonhos transformam enredos imaginários quando traduzidos pelas experiências individuais de mundo. Os sonhos traduzem a vida, que é dinâmica em resposta às mudanças diante da sociedade. Podemos problematizar um sonho didático pelo informe do sonho: como o poeta-professor em seu pensamento vígil fará uso desses fragmentos noturnos de sonho e poesia do Arquivo e de sua vida para maquinar uma didática em uma Aula languageira? Quais outras formas de expressão podemos sonhografar pensando com e no sonho da didática?

A língua docente, sempre incompleta (CORAZZA, 2019), levá-los aos seus limites, na zona obscura da tradução permanecemos espantados, isso nos leva a possibilidades de invenção. Esse jogo de forças, diante do original, demanda sistematizações, estudos, leituras atentas, esrileituras, aulas em experimentações com sonhos. O jogo tradutório torna-se multirreferencial e transindividual. Consciente dessa tarefa, o poeta se realiza no professor, cuja tarefa está longe de ser a compreensão de conteúdo ou a informações de uma receita. Aproxima-se, o fazer sonheria, de procedimento de:

[...] fazer literatura [que] implica criar, desenvolver linguagens dotadas de propriedades da ordem do artístico. Literatura não é senão linguagem criada com *ars* e *tecné*, capaz de provocar imaginação e de ao mesmo tempo recriar o sentido da existência, os sentidos do mundo, concomitantemente provocando a reconceitualização da própria linguagem a partir mesmo de seus procedimentos formais. (SANTOS, 2007, p. 161)

A tradução que sonha sua língua não se acomoda em linhas retas, e desvia-se das significações. Serpenteia “animal, feminina, molecular”; é do tipo que não copia tal qual, mas que “des-traduz” (CORAZZA, 2014, p. 51). No processo de sonhografar, o percurso tradutório perspectiva o corpo do professor ao corpo do poeta. Voa na topologia do original, pois “transcriar é uma questão de forma e de alma” (CORAZZA, 2014, p. 53).

Sonhografar docência é traduzir e falar da transitoriedade das coisas, inclusive do currículo e do Arquivo. O professor-poeta está acordado para esses sonhos que refletem exatamente os instantes da Aula. Ao ser sonhografado pela docência, o original que é deixado para trás passa a criar um plano de composição repleto de fraturas. No entremeio de duas palavras, imagens, corpos, haverá o



interstício de a-traduzir da Matéria andante. Esse processo nômade gera uma unidade de perspectivação com a qual o professor-poeta, ser de sentido, poderá manipular os elementos do Arquivo e de seus sonhos em suas incompletudes e passar a experimentações para elaborar seu sotaque poético em Aular.

### **Considerações, em um fim?**

A escrita e a narrativa são uma tradução, nunca literal, conversa de estranhamento em lalíngua com o inconsciente. Possui endereçamento móvel, portanto ficção e potente exercício de criação. Aquilo que traduzimos em Aula é transcrição nômade e incompleta do Arquivo, pois usamos restos do que sentimos, mas nunca conseguimos expressar tudo o que vimos e ouvimos, estamos a falar com nossos estranhos.

Ao sonhografar uma Aula, somos surpreendidos com a lalíngua que narra o mapa do caminho inverso da imaginação. A sensibilidade poética é afetada por essa potência fugidia. A imagem de um sonho, por exemplo, é índice de um plano rizomatoso da superfície sonhográfica das multiplicidades inconsistente do caos. A elaboração secundária do Arquivo criva um plano de pensamento a partir de um processo avesso à linguagem. A lalíngua da docência está, portanto, dramatizada sob a imagem de uma Aula compreensível. O corpo pode seguir desejando sonhar Aulas quando se defronta com um estranho. Dessas forças desnorteadoras, de criação e de aniquilação, as quais nos demovem nômades, surge o potencial onirofílico: há um conteúdo manifesto a partir da transcrição do fluxo desejante latente.

Sonhografar desafia o deserto das multiplicidades-corpos que se destacam da delicada asa onírica que sobrevoa o Arquivo. A imanência é feita de paradas e de passagens. Uns tantos pedaços da tradução de Aula ramificam-se no sonho coletivo; outros tantos plasmam-se em perspectivas do real. O sonho é um acontecimento de lalíngua porque, além de estarmos implicados nele, sua existência anuncia-nos ideias circunstanciais, irrepetíveis, devenientes e inquietantes.

É de se estranhar a quem não sonha.



## REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger. Sociologia do Sonho. *In*: BASTIDE, Roger. **O sagrado selvagem e outros ensaios**. Trad. Dorothée de Buchard. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. [275 p.] p. 127-145.

BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor [1921]. *In*: BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre mito e linguagem**. Trad. Suzana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Ed. 34, 2011. [176 p]. p. 101-119.

CAMPOS, Maria Idalina Krause de. **Paul Valéry educador**. Porto Alegre: Ed. Mikelis, 2018. 236 p.

CARVALHO, Maura Cristina de; LAZZARINI, Eliana Rigotto. A enunciação do analista como (tradução) poética: um percurso pela poesia concreta para roçar lalíngua da técnica lacaniana. **Ágora**. Rio de Janeiro v. XXII, n. 2, p. 219-227, maio/agosto 2019. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/agora/v22n2/1809-4414-agora-22-02-219.pdf>>. Acesso em: 18. nov. 2019.

CORAZZA, Sandra. A-traduzir o arquivo da docência em Aula: sonho didático e poesia curricular. **Educação em Revista**, Minas Gerais. 2019, v. 35. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982019000100416&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982019000100416&script=sci_arttext)>. Acesso em: 27. jul. 2019.

CORAZZA, Sandra. Uma introdução aos sete conceitos fundamentais da docência-pesquisa tradutória: arquivo EIS AICE. **Pro-Posições** [On line]. 2018, vol. 29, n.3, p. 92-116, 2018. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/pp/v29n3/0103-7307-pp-29-3-0092.pdf>>. Acesso em: 25. nov. 2019.

CORAZZA, Sandra. Currículo e Didática da Tradução: vontade, criação e crítica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 1313-1335, out./dez. 2016. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623658199> >. Acesso em: 19. out. 2019.

CORAZZA, Sandra. Didática da Tradução. *In*: SCHULER, Betina; MATOS, Sônia Regina Luz; CORAZZA, Sandra Mara (Orgs.). **Cadernos de notas 6**: experimentações de escrita, leitura e imagem na escola. Coleção Escrileituras. Porto Alegre: UFRGS/Doisa, 2014. [178 p.] p. 47-64.

CORAZZA, Sandra. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre: UFRGS/Doisa, 2013. 226 p.

CORAZZA, Sandra; AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Dicionário das ideias feitas em educação**. Ilustrações Mayra Martins Redin. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, 175 p.

DE ABREU, Ovídio. Deleuze e o Eterno Retorno da Diferença. **Revista DoisPontos**, Curitiba, São Carlos, vol. 8, n. 2, p. 27-55, out. 2011. Disponível em



<<https://revistas.ufpr.br/doiPontos/article/view/22440/19587>>. Acesso em: 25. nov. 2019.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1997. 283 p.

FREUD, Sigmund. El poeta y los sueños diurnos. **Biblioteca Virtual Universal**. [1907-1908], 2010, 8 p. Disponível em: <<http://www.biblioteca.org.ar/libros/211753.pdf>>. Acesso em 24. nov. 2019.

FREUD, Sigmund. O inquietante (1919). *In*: Freud, Sigmund. **Obras completas**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010-. 20 v. vol. 14, p. 328-376.

FREUD, Sigmund. Dream Psychology Psychoanalysis for Beginners. Trad. M. D. Eder. **The Project Gutenberg**: EBookk#15489. 2005. 237 p. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/ebooks/15489>>. Acesso em: 10. nov. 2019.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos Sonhos** (I, 1900). Obras Completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Trad. (coord.) Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol. IV, 363 p.

FREUD, Sigmund. **Los sueños**. Trad. Luis López-Ballesteros Y de Torres. Madri: Aliança Editorial. 1966. 96 p.

NICOLAY, Deniz Alcione. Nietzsche e o procedimento genealógico na educação. **Atos de Pesquisa em Educação**. Blumenau, v.14, n.3, p.1006-1027, set./dez. 2019. Disponível em: <<https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/7991>>. Acesso em: 23. dez. 2019.

RANCIÈRE, Jacques. **O inconsciente estético**. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: Ed. 34, 2009. 80 p.

RÚÍZ, Alejandra. Das Unheimliche. **Correio APPOA (on line)**. n. 255, mai. 2016. Disponível em: <[http://www.apboa.com.br/correio/edicao/255/das\\_unheimliche\\_/320](http://www.apboa.com.br/correio/edicao/255/das_unheimliche_/320)>. Acesso em: 3. Jan. 2020.

REIS, Marina dos. Os sonhos do poeta acordado. **Alegrear**. n. 23, p. 40-47, jan/jul 2019.

SANTOS, Goiamérico Felício Carneiro dos. O pensar poético e o sentir filosófico. *In*: LINS, Daniel (Org.). **Nietzsche/Deleuze: imagem, literatura, e educação — Simpósio Internacional de Filosofia**, 2005. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. [337 p.] p. 153-170.

STITOU, Rajaa. Provas do intraduzível de uma língua para outra. **Ágora**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 369-376, dez 2016. Disponível em:





<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1516-14982016000300369&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1516-14982016000300369&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em 26. Nov. 2019.

TELLES, Sergio. As vicissitudes da memória segundo Derrida: resenha de Jacques Derrida (1930-2004), *Mal de Arquivo — Uma impressão Freudiana* (Rio de Janeiro, Ed. Relume-Dumará, 2001. 130 p.). **Psychiatry On-line Brazil**. n. 2, v. 7, n.p., fev. 2002. Disponível em: < <http://www.polbr.med.br/ano02/psi0202.php>>. Acesso em: 21. set. 2019.

VALÉRY, Paul. **Lições de Poética**. Trad. Pedro-Sette Câmara. Belo Horizonte: Ed. Âyiné, 2018. 88 p.

### **Biografia das autoras**

**Marina dos Reis** é doutoranda em Educação, pesquisadora da Linha Filosofia da Diferença-Educação e orientanda da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Basso Menna Barreto Gomes Zordan e Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sandra Mara Corazza (*in memoriam*). Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil.

**Sandra Mara Corazza (*in memoriam*)** é doutora em Educação, professora titular permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil. Pesquisadora de Produtividade do CNPq 1B. Coordenadora da Rede Escriteiras: <http://www.ufrgs.br/escriteiras/>.